

VÍDEOS ESCOLARES CONTEMPORÂNEOS: AS INQUIETAÇÕES DO OLHAR

THIAGO DE FARIA E SILVA*

Como discute Aumont, em *A Imagem* (Campinas, Papirus, 1993) o olhar sempre possui um componente ativo desencadeado pelo sujeito perceptivo, algo que o distingue da simples visão. Dentro dessa perspectiva, este artigo investiga as inquietações do olhar escolar a partir de vídeos produzidos por escolas estaduais de São Paulo para o *Festival do Minuto Escola* (2010).¹ Analisamos um conjunto documental de 279 curtas de cerca de 100 cidades do Estado, com participações expressivas de escolas de cidades grandes como São Paulo (51%), Sorocaba (25%) e Guarulhos (4%), mas também de inúmeras cidades menores, como Tabapuã (6%), Guararapes (2%) e Boituva (2%).

Para a análise dos vídeos, realizamos mapeamento dos vários temas abordados pelas produções: meio ambiente, escola, violência, vida urbana, esporte, padrões de beleza, amor, trânsito, eleições, trabalho, sexualidade e drogas. Como toda classificação, a escolha dos temas e a distribuição já delimitam um campo de interpretação. De todo modo, procuramos destacar o tema predominante em cada um dos curtas, ainda que muitos pudessem ser elencados em mais de um tema. A abordagem do tema escola já foi analisada em um outro artigo publicado nos *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História da ANPUH* e intitulado “A escola

estranhada: as produções audiovisuais das escolas públicas do Estado de São Paulo”. (Florianópolis, 2015). Neste artigo, o propósito é analisar os outros temas, agrupados nos seguintes conjuntos: violência, consensos midiáticos (trânsito, eleições, sexualidade e drogas), a questão da beleza e meio ambiente.

Entre o riso e a dor: as imagens da violência

Pode-se interpretar os curtas que lidam com a violência a partir de uma grande ausência: a figura da polícia ou de uma saída legal para a questão. Presença ostensiva no cotidiano das escolas públicas paulistas, seja na figura cotidiana da ronda escolar, seja na resistência à presença policial em escolas de áreas periféricas, a ausência da figura policial nas imagens chama a atenção. No curta de humor *Qual é o maior problema de nossa cidade?* (2010), de Guararapes, há dois alunos conversando (Karen e Silas). Silas faz a pergunta título do vídeo a Karen e, antes que ela responda, surge um bandido e responde: “É a criminalidade, aproveite e passe a carteira!”. Karen, então, comenta: “Nós precisamos de alguém para nos defender”. Eis que surge o Homem Aranha, mas para assaltá-los novamente e não para salvá-los. O tom de humor associado ao formato dos intertítulos, emprestado do cinema mudo, cria um riso de escárnio em dois sentidos. De um lado, há a constatação de que a violência faz parte do cotidiano e que nem um super-herói é capaz de solucioná-la. De outro, há uma alteração sagaz do lugar ocupado pela figura do Homem Aranha, passando de herói a bandido.

As releituras das fórmulas midiáticas são uma grande marca do conjunto dos curtas. Pesquisar outros desdobramentos mais complexos desse jogo desproporcional entre o poder midiático e a sua difusão na cultura escolar, a que se refere Dominique Julia em “A Cultura Escolar como objeto histórico”, publicado na *Revista Brasileira de História da Educação*, nº 1,

jan./jun. 200-, é sempre uma tarefa difícil. Dessa forma, tais vídeos contribuem para a reflexão sobre essa circulação. Nessas releituras, as fórmulas ganham novos lugares. Um Homem Aranha que se torna assaltante empresta um deslocamento de sentido que devolve ao espectador dos vídeos um novo significado a essa imagem compartilhada. Se a salvação do mundo forjada na mídia hegemônica não serve aos padrões, cria-se um novo arranjo no qual os super-heróis salvadores podem não salvar – talvez, a ausência da polícia seja uma metáfora dessa transformação.

Outras fórmulas midiáticas ligadas estão presentes, como o terror e o videogame de violência. O terror é frequentemente associado a uma experimentação divertida, e por vezes cômica, do medo e da violência. Frente à violência presente no cotidiano, o terror parece ser uma maneira de assimilar essa prática. Para analisar melhor esses caminhos, vamos comparar curtas de terror e um curta dramático, todos sobre o tema da violência.

O curta de terror, chamado *A Procura à manteiga* (2010), de Praia Grande, desenrola-se com uma aluna de vestido preto portando uma faca. Ela caminha e pergunta a todos: “Onde está a manteiga?”. Com planos escuros e gritos histéricos, ela consegue a manteiga, embora descubra que era a errada. O outro vídeo de terror, chamado *A sombra da morte* (2010), de Iperó, mostra um aluno escovando os dentes em um ambiente escuro. Ao abaixar para enxaguar a boca, surge a morte, caracterizada com uma máscara de terror e com uma iluminação focada em sua figura. O aluno abre a janela e se abaixa, a janela se fecha e a morte aparece novamente. Ele sorri para a câmera, surge uma mão ensanguentada e a mensagem: “lembre-se de escovar os dentes com atenção”.

O tom jocoso dos dois curtas contrasta com o tom dramático do curta *Reminiscências da inconsciência* (2010), de Iguape. Uma mulher é assaltada e, então, surgem imagens de sua trajetória de vida,

acompanhadas de um som de batimento cardíaco. Em cada momento, ela olha para a câmera e há um flash que ilumina o quadro. Aparecem momentos com o filho e amigos, o casamento, a escola e o parquinho quando criança. Ao final, surge a tela escura e o som dos tiros que a mataram.

Os três curtas demonstram certa familiaridade com o tema da violência, seja pela via do terror próximo ao riso, seja pela via da dor. Talvez a cultura escolar encontre esses dois caminhos para construir seus sentidos sobre a violência cotidiana, com uma frequência muito maior dos curtas de terror em relação aos dramáticos. O formato do terror surge como uma maneira de se afastar de algo presente no cotidiano. Recriar ficionalmente sangue, falsos ferimentos, monstros na escuridão, desaparecimentos e sombras compõe nessa cultura uma maneira de assimilar o ciclo cotidiano de insistência da violência. No curta, a violência é “de mentira”, é só “brincadeira”. O gênero de terror, forjado para criar o medo, desperta nos alunos a frágil e efêmera utopia de que esse sangue da tela pode ser apenas ketchup, essa faca de plástico e esses sons de tiro apenas efeitos. Pode ser esta uma razão para o interesse que os alunos de qualquer oficina de vídeo em escolas têm pelo gênero do terror, algo atestado pelos vídeos do gênero presentes neste conjunto documental pesquisado.

Por outro lado, o curta de drama expõe toda a dor de uma trajetória de vida perdida em um assalto. O plano final dos tiros na tela escura contrasta com toda a carga afetiva de seus momentos de vida. Esse caminho da dor, muito trilhado de diversas formas na mídia, também se faz presente nos curtas pesquisados, mas é menos frequente. A cultura escolar recria formatos e signos da mídia, sem deixar, entretanto, de construir suas próprias formas de assimilar a violência como experiência cotidiana. Contudo, além disso, ao construir lugares de memória sobre a

violência, demonstra sua crítica nos curtas dramáticos e o seu incômodo, pelo riso, em relação à banalidade da violência nos vídeos de terror.

Nos curtas *O poder que eu queria ter!* (2010), de Marília; *Came home ha no cachorro* (2010), de Birigui; *Olha a cobra* (2010), de Sorocaba; *Briga palito* (2010), de Tabapuã; e *Strike Human* (2010), de Vargem Grande Paulista, surgem situações de violência influenciadas pelo formato de videogame ou computador, ora com lutas e batalhas com a marcação de quantidades de “vida” ainda existentes antes da derrota do personagem, ora com cenas e efeitos capazes de dar aos alunos-personagens os poderes dos jogos ou a experiência de participar de um dos tantos jogos de tiro em primeira pessoa. Nesse formato a violência torna-se mais explícita e expressiva. Todos esses curtas não estariam cumprindo, dentro dessa cultura, um treino não para a formação de pessoas expressamente violentas, mas para formar consumidores de violência, seja no mundo dos games, seja no mundo da banalização do medo com suas câmeras, cercas elétricas e soluções de segurança, onde a violência é banal como uma barra que mede as vidas de seu personagem até o próximo “game over”?

O curta *Violência contra a mulher* (2010), de Ibiúna, aborda de forma dramática a violência a partir de outro formato audiovisual midiático: a propaganda. Ao contrário da grande maioria das propagandas produzidas por alunos, esta não é de um produto a ser comercializado. Há uma mulher no chão em um ambiente escuro. Ouvem-se as badaladas de um relógio acompanhadas de uma voz, com grande eco, dizendo algumas palavras que remetem à violência contra a mulher. Enquanto isso, a mulher surge triste e chora. Ao final, há a mensagem da propaganda: “Violência contra a mulher! Basta!”. A produção é original por abordar o formato publicitário em sua modalidade não comercial e consumista. Em relação ao tema, é importante notar como algumas formas de violência foram especificadas em determinados curtas, como a violência contra a

mulher. Certamente, uma resposta da cultura escolar à ampliação recente dos meios legais para coibir essa prática.

Também chama a atenção o uso de alimentos do cotidiano humanizados e colocados em situações de violência. No curta *Assassinato Comestível* (2010), de Atibaia, ao som de uma música de suspense, a câmera passeia por alguns assassinatos de comidas. Um ovo com a casca quebrada sobre um prato com sua gema espalhada, caracterizado com uma boca e dois X no lugar dos olhos. Um prato com uma banana caracterizada com olhos e boca, atacada por uma faca encravada em seu corpo e muito sangue na superfície. Um biscoito caracterizado com olhos e boca, com um ferimento na cabeça causado por um alicate coberto de sangue. Outro biscoito ao lado, chorando. E, por fim, um gelo em uma forca é colocado lentamente em um copo de leite (sob gritos) até desaparecer. O que chama a atenção é a humanização de itens do cotidiano (como alimentos) e a inserção de muitas dessas humanizações em situações de violência. Os alimentos mortos como se fossem cenas de assassinatos e a cena do gelo sendo submetido a uma forca são simbólicas de uma cultura preocupada com a violência. Para essa cultura, o assassinato, seja ele visto no noticiário, na internet, nas séries de TV ou presencialmente, torna-se tão cotidiano como os alimentos do dia a dia.

Em outras curtas, essa naturalização é ainda maior, pois a violência contra os alimentos é construída a partir do humor. No vídeo *Pipocas* (2010), de Dracena, dois grãos de milho conversam e um deles conta como a sua família foi toda estourada e ele ficou sozinho. Ele, então, é também levado à panela, juntamente com seu interlocutor. No curta *Vida de ovo* (2010), de Piedade, vários ovos pintados com olhos e bocas, vivem felizes em uma caixa até serem levados à frigideira. Ao serem fritos, eles choram e gritam. E após quebrados, suas cascas são representadas como cadáveres mortos, com os olhos em forma de X. O que se destaca é a representação audiovisual da dor e da morte, pois a

quebra dos ovos humanizados poderia se materializar em algo positivo, mas culmina na representação de ovos como cadáveres e de gritos de dor. Há, portanto, no imaginário dessa produção cultural uma forte presença não só dos elementos de violência, mas também das representações da dor e do sofrimento.

Em comum, os curtas parecem reforçar a presença cotidiana da violência, a não existência de uma solução fácil para o problema, o não reconhecimento de uma figura pública (policial) como antídoto e, sobretudo, a presença indistinta da violência nas experiências físicas e virtuais, constituindo um espaço de *virtualidade real* marcado por essa questão, conforme Manuel Castells em, *A Sociedade em rede* (São Paulo, Paz e Terra, 1999). A presença de tal temática é importante, pois essas questões podem ser debatidas tanto no fazer audiovisual quanto na recepção dos curtas pela própria comunidade escolar e por outros espectadores.

Consensos midiáticos: trânsito, eleições, sexualidade e drogas

Nos curtas sobre o trânsito, a associação entre bebidas alcoólicas e direção é uma constante, mas há também a valorização do cinto de segurança. As releituras de propagandas televisivas de conscientização fornecem as referências às produções. No curta *Cinto de Segurança* (2010), há uma releitura, não declarada, do comercial de TV “Embrace Life - always wear your seatbelt” (2010).² No comercial, a família do condutor acidentado se coloca no lugar do cinto de segurança, produzindo um abraço simbólico. No curta dos alunos, há a mesma fórmula, adaptada. Cabe notar como o tema do trânsito é totalmente dominado pelos formatos midiáticos das campanhas publicitárias. O consenso em torno do tema soa como uma demonstração de aprendizado não monopolizado

pela escola, mas pela mídia. Esse aprendizado não se finaliza em uma oposição entre a cultura midiática e a cultura escolar (JULIA, 2001). Há, portanto, uma circularidade nessas releituras, pois o aprendizado das campanhas midiáticas termina sendo debatido e elaborado pelos alunos, conforme indica Michel de Certeau em *A invenção do cotidiano*. (Petrópolis, Vozes, 1998).

No tema das eleições, predomina a ideia generalizada sobre a negatividade dos políticos, sempre associada ao eleitor não consciente, algo reforçado, por exemplo, no curta *As eleições pelos olhos do amanhã* (2010), de São Paulo, com uma entrevista sobre as eleições com crianças, já preparadas desde cedo para serem conscientes. O formato da propaganda, agora eleitoral, também é alvo de releituras jocosas, como no curta *Zé Senado* (2010), de Jacareí. Uma aluna se veste de palhaço e satiriza a propaganda eleitoral. É interessante observar como os curtas não se descolam do senso comum (políticos corruptos/eleitor não consciente). Não há a associação do tema das eleições às diferenças sociais e divisões de classe. A imagem generalizada do político corrupto ofusca qualquer outra ideia. Não estamos diante de uma importante questão para os professores de disciplinas como História e Geografia, além de Filosofia? Quais recursos analíticos críticos esses alunos poderiam possuir para escapar de uma reflexão reprodutora do senso comum sobre políticos corruptos e eleitores não conscientes?

No tema da sexualidade, destaca-se o curta *DST/AIDS* (2010), de Guarulhos. Com a junção de uma pequena narrativa ficcional de um aluno preocupado por não ter usado camisinha, o curta associa uma parte documental, realizando pequenas entrevistas sobre o que representa a camisinha para as pessoas. Elas respondem: “segurança”, “prevenção”, “saúde”, “importante”. Há, também neste tema, um consenso em relação à discussão pública sobre a questão. Em uma perspectiva histórica, destaca-se a mudança de tratamento em relação ao universo da

sexualidade. Há algumas décadas, uma produção discente sobre esse tema e com essa abordagem teria grande dificuldade para ser aceita como uma expressão válida da cultura escolar. Hoje em dia, com o avanço da discussão sobre sexualidade nas escolas, desvinculando-a de uma abordagem moral, cria-se um espaço para o debate sobre sexo e prevenção de DSTs.

O tema das drogas também segue o consenso das campanhas publicitárias e as associam à negatividade. No curta *1 minuto para se acabar* (2010), de Guarulhos, a personagem Débora foge de casa, usa drogas, deve aos traficantes e termina espancada. Os curtas reproduzem o tom alarmista contra as drogas e, sobretudo, destacam os efeitos danosos sobre os alunos. A grande presença das drogas no cotidiano dos alunos contrasta com a pequena quantidade de curtas sobre o assunto. O tratamento reduzido do tema e a inexistência de discussões sobre a legalização das drogas podem sugerir alguns limites da cultura escolar contemporânea a respeito deste tema. Assim como a sexualidade no passado, a legalização das drogas pode ser considerada uma discussão ainda pouco realizada na cultura escolar. Como afirma Henrique Carneiro, na temática das drogas ainda impera uma atitude proibicionista sustentada pela “visão de que o melhor profissional para falar com as crianças sobre drogas é um policial”, questiona Henrique Soares Carneiro. “As drogas e o ensino de História”, em SILVA, Marcos. *História: que ensino é esse?*. (Campinas, Papirus, 2013), algo contrário “aos preceitos pedagógicos que buscam valorizar as instituições escolar e familiar em sua autonomia diante do aparelho repressivo estatal” (CARNEIRO, 2013).

A pequena quantidade de produções pode se explicar pelo domínio da abordagem alarmista, o que termina por ofuscar outras perspectivas que acabam silenciadas dentro das produções, uma vez que a cultura escolar apresenta neste e em outros aspectos, seus limites, como qualquer outra cultura. É importante, frente a um conjunto documental

como o analisado, refletir também sobre o que não é dito, isto é, sobre aqueles projetos de vídeos que esbarraram nos limites do não aceito. É muito difícil pesquisá-los, porém é plausível supor que um projeto de vídeo a favor da legalização da maconha, por exemplo, não tenha sido realizado, seja por um veto expresso, seja pelo desencorajamento por parte de professores ou diretores. Mesmo uma atitude de tolerância em relação ao consumo, que reconheça algum aspecto positivo no consumo (prazer, relaxamento), não costuma surgir nesse universo.

Esses temas tão diversos, afora suas especificidades, têm em comum uma relação consensual com ideias hegemônicas presentes na esfera pública e, sobretudo, na mídia. Desse modo, eles demonstram como a cultura escolar se relaciona com a esfera pública, em uma dinâmica complexa, circular, com reações, discordâncias, mas também com consensos. O funcionamento desses consensos, entretanto, não parece ser, meramente, passivo. Ao contrário, demonstra o compartilhamento de perspectivas entre a comunidade escolar e outros grupos sociais da cultura contemporânea. Conhecer esses consensos é, ainda, uma importante tarefa para o professor reflexivo que deseja intervir na cultura escolar em uma perspectiva transformadora, ampliando, por exemplo, os limites dos temas trabalhados, enfrentando os assuntos silenciados e propondo novos olhares, capazes de ir além dos consensos midiáticos estabelecidos.

A beleza em questão

Já no tema da beleza, a relação com os padrões sociais, em grande medida sustentados pela mídia, não é tão consensual. Há, de um lado, curtas exibindo e valorizando modos de fazer maquiagem ou as unhas, mas, de outro, há uma série de trabalhos críticos aos padrões de beleza existentes e dominantes. No curta *Corra Bárbara, corra* (2010), há uma aluna

com um rosto tenso retirando a maquiagem. No curta *Beleza Artificial* (2010), há uma aluna, em um *stop motion*, realizando o contrário, maquiando-se, embora o tom do trabalho seja demonstrar a artificialidade da beleza produzida pela maquiagem, ao terminar com uma citação de Shakespeare: "Ó Beleza! Onde está tua verdade?". No curta *Definição de Beleza* (2010), de Sorocaba, também há um questionamento sobre o que é a beleza, com a montagem de várias fotos de paisagens com recortes de frases questionadoras, como: "O que é bonito para você?", "A beleza de uma paisagem", "a beleza de uma flor", "A beleza está nos olhos de quem vê", "Portanto, não julgue o que está fora", "E sim o que está dentro". Em todos esses vídeos, há a constituição de uma barreira de sentidos contra as verdades ventiladas pela mídia diariamente, na internet, nos comerciais de produtos de beleza e na valorização de um padrão nos filmes, novelas etc. Nesse sentido, eles evidenciam possibilidades críticas de produtores e destinatários.

Nas escolas públicas, a encruzilhada do padrão de beleza e consumo é decisiva, pois o consumo, segrega, institui padrões e cria estranhos, de acordo com Zygmunt Bauman. Em seu livro intitulado *A Sociedade Individualizada*: vidas contadas e histórias vividas. (Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008). Ao questionarem os padrões de beleza, esses trabalhos estão criando resistências dentro da cultura escolar. Embora não se possa esperar que essas respostas rivalizem com a força midiática hegemônica, elas são importantes formas de resistência local dessa cultura. Como demonstra o curta *Brasil, um país de todos?* (2010), de São Paulo, com uma montagem simples de fotos de alunos de várias tribos, ao defender a existência de uma escola plural, não refém dos padrões hegemônicos, com as seguintes frases: "Se o Brasil é um país de todos, então, por que a sociedade impõe padrões de beleza?", "Qual é o problema em não se ter um cabelo bem alisado pela boa e velha chapinha?"

Pela via do humor e da recorrente releitura do formato do comercial de TV, o curta *Consumo vs. Propaganda* (2010), de São Paulo, faz uma propaganda jocosa do “Gel Porreta”. Ele promete resolver os problemas dos alunos que não conseguem atrair as meninas. Contudo, ele apresenta um problema. Ele é muito forte e o aluno, apesar de chamar a atenção, termina com a mão presa à cabeça. Essa utilização do comercial é instigante, pois manipula o humor e o formato da propaganda, mas termina por construir um comercial às avessas, ao expor os problemas do produto, algo sempre omitido pelas propagandas.

Nessas releituras, a cultura escolar resiste às verdades hegemônicas em uma variedade de formatos audiovisuais, recriando não somente as ideias e os argumentos recebidos como consumidores da sociedade em rede (CASTELLS, 1999), mas manipulando a própria criação da imagem, que só recentemente tem deixado de ser monopólio da mídia. A virtualidade real e a massificação das câmeras têm criado não só um espaço existencial de expressão virtual de ideias, mas também uma relação de virtualidade real com o próprio corpo. Cada vez mais, o corpo físico divide espaço com o corpo imagético nesse supertexto da virtualidade real, o que tem acarretado inúmeros dilemas, uma vez que essa simbiose entre corpo e imagem pode acarretar problemas graves. No entanto, a construção das imagens pelos alunos pode ser também espaço de reflexão e não apenas de sedução e escravidão em relação à imagem. Nesse aspecto, os professores são decisivos para construir um espaço crítico e reflexivo no processo de criação.

Fazer uma montagem de imagens críticas aos padrões de beleza, realizar uma propaganda às avessas de um produto de beleza ou recriar um admirado comercial de TV sobre o trânsito não são apenas meios de expressão novos para as ideias dos alunos. Para além dos conteúdos e dos temas abordados, há uma recente quebra no monopólio de construção das imagens. O grande desafio da cultura escolar é como habitar esse imenso

espaço aberto para a construção de imagens na sociedade em rede, sem, no entanto, possuir o controle tradicional fornecido pelo espaço físico tradicional da escola.

Meio ambiente: tão perto, tão longe

O tema do meio ambiente é o mais frequente nos vídeos dos alunos. Há apelos pela economia de água, denúncias de casos de poluição, a recorrente ideia de que cada um deve fazer a sua parte, informações sobre a reciclagem, denúncias sobre o lixo jogado nas ruas e a observação de eventos naturais (ciclo de chuvas, cerração etc.). Esse grande interesse pelo tema desperta algumas questões: há, de fato, um papel importante da cultura escolar na preservação do meio ambiente e do planeta? Qual o impacto dessa atuação? Quais sentidos estão inscritos e o que está em jogo nessa obsessão pelo meio ambiente? Vejamos alguns exemplos.

O curta documental *Não olhe!* (2010), de Guarulhos, exhibe um terreno com lixo e entulho e pergunta: “lixo, uma realidade, de quem é a culpa?”. Em seguida, temos alguns segundos para observar os planos fechados sobre o lixo. No curta *Futuro?* (2010), de Potirendaba, uma paisagem natural é substituída por prédios. O vídeo é desenvolvido com um desenho feito a quatro mãos. Ao final, a folha, onde estavam desenhados os prédios, é amassada. O curta experimental *Um rio* (2010), de São Paulo, apresenta um plano bem próximo de um curso de água. Com o afastamento da câmera, ao som de buzinas de carro, percebe-se o curso de água se localiza em uma rua, evidenciando as diversas fontes de água desperdiçadas nas cidades.

O contraponto às críticas se faz, sobretudo, pelo elogio da reciclagem em vários trabalhos. No curta *A mágica da reciclagem* (2010), de Pedranópolis, uma moradora coloca o saco de lixo na calçada, no local correto para a retirada pela Prefeitura, mas se arrepende e acaba jogando o

saco no terreno abandonado à frente de sua casa. Quando ela retorna, o lixo misteriosamente aparece no local correto. Ela volta a levá-lo ao terreno, e ele retorna novamente. Então, ela desiste e tem a ideia de reciclar o lixo. A cada objeto colocado corretamente na coleta seletiva, surge na mesa de seu computador um enfeite feito com material reciclado. Nessa mesma perspectiva, o curta *Lixo Escolar* (2010), de Itararé, realiza um *stop motion* com fotos no qual um lápis consegue jogar uma bola de papel no lixo. Ao cair, a bola de papel se transforma em uma planta.

Esses e outros vídeos semelhantes tecem uma crítica geral ao mundo contemporâneo, marcado pela poluição, pela urbanização e pela ausência de uma perspectiva de futuro. Delinea-se, a princípio, a ideia da escola como núcleo da mudança, seja como local onde a transformação do planeta pode ser iniciada, seja como fator de multiplicação dessa preocupação no tempo. No entanto, a escola e sua cultura, neste tema, parecem, cada vez mais, legar às novas gerações não a apresentação segura do mundo tal como ele é, conforme teoriza Hannah Arendt em seu “Sobre a Crise da Educação”. (In: Idem. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo, Perspectiva, 2011), mas a dúvida e a incerteza quanto ao futuro do mundo legado às novas gerações. Nesse sentido, a obsessão da cultura escolar pelo destino do planeta é um índice do sucesso na construção de um mundo mais sustentável no futuro ou a manifestação de uma cultura da incerteza como único legado possível?

Esses vídeos sobre o meio ambiente talvez expressem a força das duas possibilidades, a depender da posição tomada por cada membro da comunidade escolar. Por um lado, a escola se coloca como uma instituição social capaz de refletir sobre a construção de práticas alternativas ao futuro destrutivo projetado pela ode ao consumo, realizando uma crítica a um tópico de grande força na ideologia dominante. Muitos vídeos são exemplos palpáveis desses laboratórios de reutilização de materiais e práticas de transformação. Por outro, esse legado alternativo nunca foi tão

frágil frente às pressões do capital e nunca tão efêmero frente às ameaças, cada vez mais palpáveis, de problemas relacionados ao acesso à água, ao ar de boa qualidade e a um planeta seguro. Ilustra muito bem essa sensação contemporânea da incerteza a facilidade dos alunos em produzir a destruição do planeta e seu colapso em vários vídeos.

Nesses vídeos ambientais, a consciência histórica dos alunos, para usar a aceção de Jorn Rusen, retomado por Maria Auxiliadora Schmid et alii em livro intitulado *Jorn Rusen e o ensino de História*. (Curitiba, Ed. UFPR, 2011)-, defronta-se não com uma articulação harmoniosa entre as temporalidades sociais (passado, presente e futuro), mas com um problema insolúvel ao qual o aluno é apresentado. O passado e as barbáries (no caso, ambientais) provocadas pelo capitalismo, o presente e suas perspectivas limitadas de intervenção social e o futuro como incerteza. Fazer um vídeo ambiental, atualmente, é proporcionar ao aluno uma experiência didática de experimentação de uma consciência histórica cindida na qual o tempo social se apresenta muito mais como um desafio a uma intervenção crítica e menos como um aprendizado tranquilo da articulação entre o passado, o presente e o futuro. Mais do que resolver esse dilema em sala de aula, o professor de História pode explorá-lo com grandes potencialidades para o ensino-aprendizagem.

Desse modo, o meio ambiente, como tema mais tratado pelas produções, mostra-se muito próximo às preocupações e às práticas da cultura escolar. Por outro, o aprofundamento dos problemas e a fragilidade das soluções ventiladas tornam cada vez mais distantes as imagens de um meio ambiente seguro e com o futuro garantido.

Decifrando os olhares audiovisuais da infância na escola

Uma síntese dessas representações construídas pelas crianças em um ambiente escolar não deve ser vista como definitiva, mas como uma

possibilidade de compreensão dos sentidos inscritos por essas narrativas difusas e não feitas para se encaixarem como peças de um quebra cabeça. Algumas linhas gerais verificadas podem ser valiosas referências para se pensar a cultura de onde partiram essas produções audiovisuais (a cultura escolar e infantil) e podem fomentar discussões e reflexões sobre a relação entre a cultura escolar e os temas tratados. Faltam, ainda, experiências históricas de acumulação dessas práticas como referências, tendo em vista a construção de uma tradição reflexiva histórica dessa tendência na cultura escolar.

Esses vídeos se desdobram em uma série de sentidos inscritos no nexó indissociável entre as experiências físicas e virtuais na contemporaneidade. Gêneros, metáforas e imagens audiovisuais partilhadas na internet, na TV, no celular, dentro e fora da escola, compõem um caldo circular de imagens e sons sobre os temas, permutando simultaneamente as experiências físicas e virtuais, o que cria culturas escolares contemporâneas muito mais dinâmicas e complexas do que se tinha há 10 anos. O esforço de decifrar os sentidos dos olhares escolares não é estático, mas corresponde a uma tarefa presente de compreensão das tensões envolvendo a rápida transformação das culturas contemporâneas e das culturas escolares. Esse desafio sem descanso é o trabalho do professor contemporâneo. Ele não pode compreender de uma vez por todas as tensões e encontrar uma fórmula mágica. Seu desafio é se localizar todos os dias dentro das tensões sociais entre a cultura escolar e a cultura contemporânea, a partir de sua formação e de sua intervenção crítica.

Bibliografia

TIRAMONTI, Guillermina. “La escuela en la encrucijada del cambio epocal”. **Educação & Sociedade**. Campinas, vol. 26, nº 92, out. 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz; FARIA FILHO, Luciano Mendes; GONÇALVES, Irlem Antônio. “A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira”. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

Notas

* É doutorando em História Social na Universidade de São Paulo (USP), onde também concluiu a graduação (2008) e o mestrado em História Social (2011). Atualmente, é professor de História no Instituto Federal Goiano. E-mail: thiagoe.faria@gmail.com

¹ Os vídeos podem ser encontrados no site do Festival por meio dos títulos: <http://www.festivaldominuto.com.br> Acesso: 21/8/2014.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h-8PBx7isoM> Acesso: 21/8/2014.